

manifesto

TEMAS SOCIAIS E POLÍTICOS

FUNDADOR: MIGUEL PORTAS / DIRETOR: NUNO SERRA
Nº 6 / 2ª SÉRIE / INVERNO 2021 / €9,50 / PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

ATUALIDADE José Neves Outubro no país da “Geringonça”: política e história em Portugal / Diogo Martins A persistência de uma economia frágil: o que esta “Geringonça” nunca poderia resolver / João Rodrigues e Nuno Teles Ideologias capitais / Raquel Ribeiro Cuba: os protestos de 11 de Julho perante a crise económica e política / Tiago Mota Saraiva Construir uma nova geração de mutualismo **GOVERNAÇÃO E TERRITÓRIO** Jorge Gonçalves e Fernando Nunes da Silva Entre os extremos, nada! A incessante busca por uma reforma institucional metropolitana / João Ferrão Preparar as cidades para riscos globais e além! / Katielle Silva, Diogo Gaspar Silva e Jorge Malheiros Revisitando o dualismo sociodemográfico e económico português: territórios de alta e baixa densidade / Luís Mendes PRR, Habitação e Arrendamento **ENTREVISTA** por Nuno Ramos de Almeida Boaventura de Sousa Santos: «A História tem tempo, nós não temos» **CONTRADITÓRIO** PRECISAMOS DE UM NOVO AEROPORTO? Frederico Pinheiro **SIM** / Francisco Ferreira, Alexandre Jesus e Pedro Nunes **NÃO DOSSIÊ** FICA TUDO COMO DANTE? José Vítor Malheiros e Manuela Silva Entrevista a Constantino Sakellarides / Paulo Coimbra Política económica em tempo de confinamento: lições a reter / José Gusmão Europa e a doutrina da escassez / Ricardo Paes Mamede Não se espere da ‘bazuca’ o tiro que não pode dar / Paulo Pedroso Regressar depressa ao status quo ante? A crise mostrou vulnerabilidades permanentes / Renato Miguel do Carmo Os invisíveis regimes de precariedade: o direito ao aqui e agora / João Costa A lupa pandémica no ensino básico e secundário / Gonçalo Leite Velho Retomamos a (e)missão? Instituições, universidade e pós-COVID-19 **MEMÓRIA** Carlos Brito Jorge Sampaio Audácia e ponderação inseparáveis / Maria Manuela Cruzeiro Eduardo Lourenço Pensar a política **FILME** Paula Cabeçadas “Eu, Daniel Blake” **PORTFÓLIO** As Toupeiras Teoria Acção Organização **ILUSTRAÇÕES** Luís Miguel Castro **APELO** Votos por uma maioria plural de esquerda



¿QUIDEMOS

FICA TUDO COMO DANTE

?

DA

ENTREVISTAS A
**BOAVENTURA DE
SOUSA SANTOS**

e
**CONSTANTINO
SAKELLARIDES**

BERDAD

ALEXANDRE JESUS
AS TOUPEIRAS
CARLOS BRITO
DIOGO GASPAR SILVA
DIOGO MARTINS
FERNANDO NUNES DA SILVA
FRANCISCO FERREIRA
FREDERICO PINHEIRO
GONÇALO LEITE VELHO
JOÃO COSTA
JOÃO FERRÃO
JOÃO M ALMEIDA
JOÃO RODRIGUES
JORGE GONÇALVES
JORGE MALHEIROS
JOSÉ GUSMÃO
JOSÉ NEVES
JOSÉ VÍTOR MALHEIROS
KATIELLE SILVA
LUÍS MENDES
LUÍS MIGUEL CASTRO
MANUELA SILVA
MARIA MANUELA CRUZEIRO
NUNO RAMOS DE ALMEIDA
NUNO TELES
PAULA CABEÇADAS
PAULO COIMBRA
PAULO PEDROSO
PEDRO NUNES
RAQUEL RIBEIRO
RENATO MIGUEL DO CARMO
RICARDO PAES MAMEDE
TIAGO MOTA SARAIVA

No número anterior da MANIFESTO, publicado em plena crise pandémica e com as alterações climáticas a assumir redobrada importância, colocou-se a possibilidade de estas questões, entre outras, obrigarem a um questionamento profundo do capitalismo predatório e iníquo que temos e, nessa medida, a desencadear mudanças no modo como nos organizamos económica e socialmente. «Para que nada fique como dantes» era, assim, o tema desse número.

Não foi contudo necessário muito tempo para se constatar que, com um maior controlo da crise pandémica nos países desenvolvidos, graças à vacinação, a consciência da necessidade de mudança se foi desvanecendo, acumulando-se os sinais de gradual regresso ao «velho normal», mesmo que as ameaças – nomeadamente as ambientais, mas não só – tenham continuado a agravar-se.

Mais que impactos circunstanciais e temporários, a crise pandémica veio de facto revelar, e em vários aspetos acentuar, as desigualdades, desequilíbrios e disfuncionalidades com que há muito nos defrontamos, fruto das políticas neoliberais das últimas décadas. Por isso, e na ausência de luta organizada, incluindo no plano político-ideológico, corre-se o risco de que a crise apenas tenha sido um parêntese de expectativas, não abrindo portas às mudanças irreparavelmente necessárias.

Procura-se, sobretudo no dossiê deste número 6 da revista MANIFESTO, refletir sobre os problemas estruturais e os constrangimentos que a crise pandémica, com os seus impactos económicos e sociais, veio evidenciar, em especial no nosso país, discutindo as possibilidades de transformação e os impasses e resistências que persistem em vários planos, e cujas forças apontam para que possa ficar tudo como dantes.

É desses impactos e resistências de que falamos, por exemplo, os textos de Paulo Coimbra, José Gusmão e Ricardo Paes Mamede, ao analisar as respostas nacionais e da UE à crise, em boa medida marcadas por mudanças dirigidas a que tudo fique no essencial na mesma, e incapazes por isso de superar realmente as lógicas neoliberais. E é também de problemas estruturais, riscos e desafios que tratam os artigos de Paulo Pedroso e Renato Miguel do Carmo (respostas sociais e precariedade), bem como os textos de João Costa e Gonçalo Leite Velho (neste caso a propósito dos impactos da pandemia no sistema de ensino), num dossiê que conta ainda com a entrevista a Constantino Sakellarides, em torno das capacidades e fragilidades do Serviço Nacional de Saúde.

Numa interessante referência a dois «outubros», o texto de José Neves sobre o centenário do Partido Comunista Português abre a secção da Atualidade, seguindo-se-lhe um balanço, por Diogo Martins, da solução política encontrada à esquerda em 2015. João Rodrigues e Nuno Teles procedem a um ensaio crítico, a partir de Marx, sobre o capital em Piketty, e Raquel Ribeiro escreve sobre a situação em Cuba. Por último, Tiago Mota Saraiva aborda a necessidade de refundação do mutualismo, no contexto de eleições para os órgãos dirigentes do Montepio.

Também a propósito de eleições, mas neste caso as recentes autárquicas, e complementando a secção de Atualidade, um conjunto de artigos procura refletir sobre o território e as questões da governação. Jorge Gonçalves e Fernando Nunes da Silva discutem a regionalização e a governação metropolitana; João Ferrão trata dos novos desafios que se colocam às cidades, num quadro de cada vez mais recorrentes, e diversas, crises sistémicas; Katielle Silva, Diogo Gaspar e Jorge Malheiros revisitam o dualismo demográfico português, tirando partido dos primeiros dados dos Censos de 2021 e, por último, Luis

Mendes procede a uma análise crítica da parcela do PRR dedicada à habitação, nela incluindo o tema da descentralização.

A questão da pandemia, entre outras, é também o mote de partida para a entrevista central deste número da MANIFESTO, a Boaventura de Sousa Santos, versando o Contraditório sobre a necessidade, ou não, de alargar a capacidade aeroportuária do nosso país. «Portugal precisa de um novo aeroporto?» é a questão colocada a Frederico Pinheiro e a Francisco Ferreira, Alexandre Jesus e Pedro Nunes. Na Memória, presta-se tributo a Eduardo Lourenço, através de um texto de Maria Manuela Cruzeiro, e a Jorge Sampaio, que nos deixou mais recentemente, com o testemunho de Carlos Brito. Na crítica de cinema, e tendo como contexto a recente expulsão de Ken Loach do Partido Trabalhista, Paula Cabeçadas revisita o filme «Eu, Daniel Blake». O portfólio procura divulgar uma pequena parte do riquíssimo conjunto de materiais produzidos pelas Toupeiras, um singular movimento de consciência crítica. As imagens que ilustram este número são de Luís Miguel Castro.

Esta edição da MANIFESTO chega às bancas num contexto que dificilmente alguém poderia prever há poucos meses. Isto é, num contexto eleitoral, com legislativas antecipadas no horizonte, em resultado da decisão de convocar eleições na sequência do chumbo do Orçamento de Estado para 2022.

Será hoje porventura já pouco relevante a discussão, complexa e válida na pluralidade dos argumentos, sobre as responsabilidades políticas pela situação que se instalou. Mas mesmo considerando que a solução de convergência e compromisso encontrada em 2015 era frágil, e em boa medida circunstancial, não deve deixar de se reconhecer os avanços, mesmo que muitas vezes tímidos, que os acordos entre PS, BE e PCP/Verdes permitiram, ao assegurar a maioria parlamentar de esquerda que travou a permanência no poder da direita austeritária de Passos Coelho e Paulo Portas.

Não sabemos hoje, obviamente, se as eleições do final de janeiro poderão permitir a celebração de novos acordos entre as forças de esquerda. O que sabemos é que qualquer solução de convergência terá de partir de uma relação de forças que permita superar a herança da Troika em matéria de relações laborais, defendendo e reforçando o Estado Social e os serviços públicos, ao mesmo tempo que se reúnem condições para recusar qualquer chantagem europeia que ponha em causa as escolhas democráticas do país.

O que sabemos é que, em linha com os desafios e exigências de mudança suscitados pela crise pandémica e pela crise ambiental, as soluções políticas de convergência à esquerda só não ficarão inscritas na história do nosso país como um simples parêntese, como um momento único e singular, se houver alternativas genuínas e com capacidade de convergir. ■■■

O que sabemos é que, em linha com os desafios e exigências de mudança suscitados pela crise pandémica e pela crise ambiental, as soluções políticas de convergência à esquerda só não ficarão inscritas na história do nosso país como um simples parêntese, como um momento único e singular, se houver alternativas genuínas e com capacidade de convergir